

LACAN NO CINEMA¹

¹ Material de apoio para disciplina ministrada por Marcus André Vieira na PUC-Rio em 2005.

OS FILMES

Matrix

O que constitui o fundo de todo drama humano, de todo drama de teatro em particular, é o fato de haver liames, nós, pactos estabelecidos. Os seres humanos já estão ligados entre-si por compromissos que determinaram o nome deles o lugar deles, a essência deles. (...) Sejam quem for, a cada etapa da transformação simbólica da carta, eles serão unicamente definidos pela sua posição num dos CH3. Esta posição não é fixa. Na medida em que eles entraram na necessidade, no movimento próprio à carta, cada qual se torna, no decurso das sucessivas cenas, funcionalmente diferente em relação à realidade essencial que ela constitui. Em outros termos, se considerarmos esta história em seu aspecto exemplar, a carta é, para cada um, seu inconsciente.¹

MATRIX E O SERTÃO (DUALISMO E INTERNET)

Um dualismo atravessou os séculos. Termos como natureza e cultura, animal e racional, orgânico e psíquico - e mesmo ciências exatas e ciências humanas - esboçam uma polaridade que constitui sólida certeza, organizando uma visão do mundo profundamente enraizada em nossos corações e mentes (como se vê acabo de convocá-la).²

De um lado a natureza e suas leis, ininteligíveis por vezes, mas exibindo sempre a necessidade e a regularidade objetiva do automatismo celeste. De outro, o espírito humano em ruptura com a natureza, sede da contingência dentre as quais a do próprio surgimento do homem, com suas paixões, tão gratuitamente criativas quanto violentas.

A extensa lista de nomes deste dualismo não nos permite, porém, de modo algum supor que designem a mesma coisa através da história. Nada nos garante que Platão com seus *phusis* e *thesei*, expressasse a mesma coisa que nós, que a dicotomia grega nos seria familiar. Poderia, no entanto, o homem ser outra coisa que a definição aristotélica de um animal-racional?

A este dualismo, que por comodidade chamaremos de platônico, responderam concepções monistas que buscavam esvaziá-lo, eliminando, por exemplo, a oposição corpo alma. Nossa época, no entanto, parece indicar uma modalidade inédita do esvaziamento deste binômio. Sua base é uma ciência tida como capaz de fazer crer em um biológico encampando o cultural, inclusive no mais íntimo das paixões humanas. Elas teriam seu funcionamento regado por um relojoeiro natural. O Homem-neuronal que dali emerge é a promessa de que poderemos agir, como mecânicos, nas rebimbocas pessoais mais aparentemente culturais e subjetivas - como minha inveja do vizinho, ou a tendência à infidelidade - tal como se troca um pneu.

A ciência, porém, em sua prática não trabalha neste registro. Um cientista precisa esquecer todo tipo de pretensão à grandes descobertas em sua prática cotidiana. Realmente é difícil pensar no tratamento da depressão quando se realiza o protocolo de testagem 1275 para um composto químico novo e anota-se as variações de Ph em uma curva de reações, que eventualmente poderia ser plotada sobre a liberação de serotonina do mesencéfalo de ratos (avaliada a partir das variações de vermelho nas imagens da câmera de pósitrons), o que eventualmente poderia ser transportado para humanos através de estudos controlados com populações inteiras de pacientes dos países em desenvolvimento, que terão suas reações objetivadas através de questionários em que se calcula, eventualmente, a taxa de sorrisos observados por hora, para que este novo composto receba a autorização da *Drug and Food administration* e comercializado como novo antidepressivo.

Como se vê a ciência funciona por um sem-número de pequenos atos, cristalizações segundo Lakatos, que aos poucos vão se associando e que eventualmente levam a uma descoberta nada glamurosa e raramente efetuada por um heroico solitário cientista. Ela talvez não fosse capaz de fazer esta ambição de tudo explicar passar para a cultura, se não fosse um outro fator, o mercado. Difícil precisar quem veio primeiro e quem causa quem. Difícil e sem importância pois o que conta é a extensão ilimitada de um mercado que não conta mais com exceções a ele. Nem mesmo os índios, alguns com suas Cherokees do ano, nem mesmo os descamisados, sonhando ou roubando seu Nike, nem mesmo os fundamentalistas, com seu armamento americano de último tipo, estão realmente externos às cadeias de produção do mercado globalizado.

Sem fronteiras e capaz, graças aos avanços tecnológicos, de se espalhar em tempo real pelos quatro cantos do planeta, inclusive em nossos corpos por meio de implantes, clones etc. o novo monismo contemporâneo conjuga a técnica científica e o mercado para mudar nossa relação com o real.

Um filme é o ícone maior para a generalização deste universo, Matrix. Neo e seus companheiros deslocam-se em um imenso programa de computador, um software universal. Preserva-se algum real para o corpo, mas ele é feito de um banho em líquido amniótico³ e de uma imensa máquina, a matriz.

Graças a nossos dias, os irmãos Wachowski conseguem dar vida ao questionamento ancestral sobre a relação entre o real e suas máscaras, sem convocar nenhum deus ou ideia para dar corpo ao que estaria por trás das aparências. A decisão é simples e essencialmente pós-moderna: não há nada fora da caverna platônica. Bastou apoiar-se no que vivemos com a internet e sua realidade virtual para que a negação do real seja tida como bastante convincente. A natureza, em si, é um deserto, como assinala a frase “bem-vindo ao deserto do real” emblemática deste esvaziamento do real, dita por Morpheus a Neo e destacada por Zizek.³ Este esvaziamento radical dos conteúdos do real, que passa a mero suporte disforme, esvazia também o dualismo platônico de modo radical.

Mas pode-se viver sem o real? Afinal, alguma coisa precisa existir que não seja *software* cultural. Qual é o *hardware*? Essa é a contrapartida da internet. O real, tornado deserto, sem imagens, passa a ter difícil apreensão.

De fato, não se sabe mais o que é a natureza, pois ela é vivida como algo passível de sofrer as mesmas manipulações que nossa natureza genética por exemplo. Comparemos nossa natureza com a de Euclides da Cunha. A terra, o homem, a luta. Esse é o enredo dos Sertões⁴. O homem é produto da terra, é determinado por ela, mas dela nasce quase como uma excrescência, contra ela se revolta e com ela está em luta permanente.

Ele nos coloca a seguinte questão. É impossível viver sem um inimigo? Talvez sim, desde que o real seja Deus. Alguma outra chance? Nossa angústia é antes a de ter algo por que lutar ou de dizer alguma coisa que faça sentido quando o inimigo é puro deserto.⁵

É esta dificuldade que parece tomar conta da trilogia Matrix. Quanto mais o mundo rebelde ganha consistência, mais a saga de Neo aproxima-se do lugar comum. É desta prisão, onde os corpos funcionam como baterias para Matrix construir a realidade virtual que Morpheus pretende libertar os humanos. No entanto, delinea-se uma alternativa mais real à matriz e menos puro deserto que o líquido amniótico: Sion. À medida em que Sion é delineada, paradoxalmente, os rebeldes voltam a ser seres da caverna, como no mito platônico, a ponto de chegarmos a uma dança na abertura do segundo filme, que retrata em caricatura o retorno do embate dualista entre o mundo da paixão contra o frio mundo das máquinas. A trilogia retoma o maniqueísmo perdendo infinitamente, a partir de seu segundo filme, em originalidade.

Mas a universalização da matriz foi a tal ponto forte que podemos sempre nos questionar: e se Sion for um outro sonho da matriz? Não é o que descobrimos no terceiro filme? Que o próprio messias Neo, assim como o arquiteto e o oráculo são, de certa forma, previstos, produtos da matriz?

Este é um efeito da desertificação do real. Em um mundo em que o real perdeu tanto em força, quando suas imagens forem convocadas, elas terão muito mais um papel fake, de aparência. A revolução de Sion é quase risível de tão caricata. Nosso naturalismo não é o de Euclides da Cunha. Ele é virtual como a política do medo da administração Bush. A globalização vista deste ângulo, por um lado esvazia o real, e por outro é obrigada a encarná-lo do modo o mais forçado possível para manter a dicotomia necessária a nossos filmes. Este é um dualismo de aparência, sem fé.

O século passado foi mais nobre que isso porque acreditou na guerra como forma de libertação de saída para a luz. Isso povoou o século passado. O século vinte foi o século da revolução e ao mesmo tempo o século da busca do real, que Alain Badiou recentemente batizou de “paixão do real”⁶. O real como deserto parece eliminar a ideia de revolução, pois não há outra dimensão para onde dirigir o povo.

Importa aqui assinalar que no campo em que o universo da matriz parece se estender ao infinito, a internet, percebemos o quanto, quando tudo pode ser adquirido, esvazia-se radicalmente a transcendência e uma certa desrealização ganha o mundo. “Existem coisas que não têm preço”, conhecido slogan de campanha publicitária muda de sentido, pois indica muito mais que os valores essencialmente transcendentais, naturais, ligados ao real da família, do amor etc., que parecem estar fora do alcance do dinheiro, virão de brinde caso você use o bom cartão de crédito.

Não há saída, no entanto, não significa que devamos ficar presos no huis-clos infernal de Sartre, ou que devamos resvalar para o cinismo. A psicanálise também é fruto dessa desrealização do real, mas opera com ele de outra forma.

A MATRIZ E O OUTRO - ESTRUTURALISMO E PSICANÁLISE

No início do século da revolução, da paixão do real, Freud inventava um estranho dispositivo em que aparentemente deixava o real de fora. No ambiente do dispositivo analítico estamos claramente em um registro ficcional, virtual. Ali nada acontece, apenas conta-se. Desenrola-se a matriz de uma vida. A psicanálise parece então à vontade na realidade virtual. Ela nunca acreditou na dicotomia natureza e cultura.

Freud, como Neo acreditava possível chegar ao real, ele queria a verdade sobre o real. Tal como Neo ele será levado a abandonar várias de suas figurações, Freud abandona os neurônios para buscar o real do acontecimento traumático. Em seguida, abandona este real pelo real de uma fantasia e finalmente abandona-a também em proveito de uma construção que situe o real. A revolução não será, assim, jamais uma saída da caverna. A psicanálise é a revolução sem a saída da caverna, sem luta com nenhum frio inimigo, mas a reformulação que muda uma história a partir de uma nova colocação deste ponto cego que dissolve o sintoma.

Mas como reformular o lugar do real? Como lidar com este real vazio para torná-lo operante? O mito foi um de seus recursos. O mito, como o do messias, de Neo, é um modo de situar o real na ficção, sem buscá-lo em nenhum exterior e sem ignorá-lo - internamente à própria narrativa do mito e não em um exterior platônico. Foi no mito que Freud apostou como modo de apreender o real sem buscá-lo em outra dimensão.

Gabriel Garcia Márquez publicou recentemente seu *Viver para contar*, belo título que deixa o lugar do real em uma oscilação em aberto. Deve-se viver para poder ter algo a contar? Deve-se sobreviver ao acontecimento para poder narrá-lo? Versões platônicas. Deve-se viver como contador de casos? Isso se aproxima mais de Freud. Ainda mais que, quando retornamos ao Macondo supostamente real, descobrimos uma Macondo mais fantástica ainda, porque supostamente real. Seu realismo fantástico nunca é tão fantástico quanto quando é real! Seu mito fala de um real tanto quanto sua vida.

No entanto, o mito também é atingido pela desertificação do real. Um outro filme, que também retoma a temática do messias, *Duna*, de Frank Herbert retratava bem – os filhos de uma terra agreste são os mais capazes. Nosso mundo inverte esta lógica fazendo com que os países do norte, tudo menos agrestes, há tempo esquecidos da fome e das guerras, mantenham-se os mais capazes. Estamos bem distantes da natureza daqueles que propõe uma volta ao bom selvagem, puro ideal sonhador. Este naturalismo é tão artificial quanto o tecnicismo que nos constitui, do qual é mero contraponto, oposto complementar.⁷ O mito do herói perde até ele em força por aparecer, também, como descolado do real.

Aqui Lacan soube apoiar-se na revolução de seu tempo com o estruturalismo. O estruturalismo é um modo de acabar com a dicotomia agindo no plano da cultura com a

literalização e as fórmulas da ciência. É possível pensar nisso hoje sem ser chamado de impostor. Ele responde à ciência acabando com a dicotomia no próprio plano dos objetos da cultura, sem, no entanto, propor a generalização da técnica.

O que significa abordar o real a partir da estrutura? Primeiramente supor que não se poderá chegara ele, que não há saída da caverna e que devemos examinar a caverna pois ela é nossa realidade, mesmo que feita de ficção. A estrutura é a rede da realidade. Nela o valor de seus elementos é relacional pois nenhum é mais real que outro. É justamente por sua articulação que eles apreendem o real e o tornam operacional. Saussure o faz ao abrir mão do referente em proveito do signo. Lacan a chama de Outro, pois ela é esta alteridade primeira do falante. A estrutura é a matriz e é o Outro. A estrutura é feita de S (Simbólico) e I (Imaginário) tendo R (Real) como seu ponto cego. Na cena em que Neo vê a matriz temos a trindade infernal de Lacan desenhada: os números são o simbólico, o que os outros veem, as formas geradas pelo programa, o imaginário, e a luta, com o que traz de morte, o real. A chave de leitura propriamente lacaniana é usar a ideia de 3 mais 1. A ideia de que eles são associados é explícita em Freud. Você não pode tratar um sem outro e não há o entre, não há aqui a teoria e ali a prática. Abarcar essa relação usando uma ideia de 3 registros fundamentais e depois mais 1 talvez fosse um passo lacaniano. Não dá para dizer que RSI está em Freud. No entanto, estrutura e conjuntura, são ideias que evidentemente estão.

O real em si não tem formato. Trabalhamos com ele, mas não o encontramos. Mesmo a ideia da origem estando presente o tempo todo na cultura. Não vamos nunca encontrar a origem em si, e sim uma *figuração* do real, e a partir dela, é que iremos trabalhar, produzindo vários efeitos.⁸ Ganhamos muito com isso, pois passamos a nos mover em uma estrutura. Lugares e relações e não coisas e seres. As coisas com nomes, sentidos e formas (os gordos, as casas, os sentimentos, nomes e pronomes etc.) existem. Não se trata de negar essa existência. No entanto essa existência é dada, encontrada e reconhecida dentro da matriz, não no real. E mesmo assim sendo, a definição daquilo que é e que não é (o peso ideal, o que é ser sadio, o que é ser feliz, o que é certo ou errado etc.) muda constantemente. É preciso este tipo de instrumental para propor-se a agir ali onde falham as coordenadas realistas, ali onde uma anoréxica pode, do lugar de gorda, namorar o vazio até sucumbir a ele.

Em *Matrix* se tivéssemos que atribuir a cada personagem o seu lugar na estrutura, quem seria quem? Por um lado, estaríamos inclinados a designar Morpheus como aquele ocupando o lugar do pai, pois ele é que vem tirar Neo da matriz. Ele é que vem cortar o cordão umbilical que liga o personagem de Keanu Reeves a essa grande estrutura que é a Matrix. Seguindo nessa análise, é razoável dizermos que Smith vem a ser o arauto da estrutura, da mãe, o agente da Lei que reluta em deixar que Neo (assim como Morpheus, Trinity e todos os desconectados) se separe e continue separado dela.

Mas se agora pensarmos que a rebelião também é uma estrutura, os papéis se invertem. Morpheus passa a ocupar o lugar daquilo que procura integrar Neo a estrutura e Smith se torna aquele que se posiciona e age contra isto. Qual das duas interpretações está certa?

Nenhuma. Assim como nenhuma está realmente errada. Qualquer personagem da matriz pode potencialmente ocupar o lugar do pai. Qualquer um pode ocupar qualquer lugar da estrutura. A psicanálise surge então quando vemos que não existem conteúdos a priori e lugares designados de antemão. Cada um tem suas próprias definições. E se é verdade que parecem existir interpretações mais aceitas, mais razoáveis, mais compartilhadas, vemos às vezes (ao procurarmos uma análise, por exemplo) que nossas próprias definições e interpretações do mundo e de nós mesmos já não parecem concordar tanto com a interpretação dita padrão. A análise serve para que, dentre a gama de interpretações possíveis, possamos achar, entender e talvez abraçar uma que seja mais nossa. Nesse sentido fica claro que a mãe real, aquela que deu luz ao filho, nem sempre ocupa o lugar que estamos chamando de lugar da mãe. Essa função pode vir a ser exercida por um pai, uma tia uma instituição ou ainda uma série de outras coisas.

O estruturalismo fornece a Lacan um instrumental que permita radicalizar a aposta freudiana de uma revolução que refaz o real, definindo um programa teórico que permite e pede tal relativização. Foi uma tentativa de trabalhar sem caverna e mesmo assim definir a verdade, não abandonar o real. Lacan foi o único que levou esta aposta ao limite, tentando tocar no real a partir da estrutura. Afinal, a análise é inventada para lidar com aquilo que não é claro (também chamado de subjetivo) e que está, de uma certa forma, impedindo o bom funcionamento da estrutura.

O ESTRANHO, A ESTRUTURA E O SUJEITO... PARA CONCLUIR

Não se abandona o mito, tome-se uma cena: o casal trepando com as formigas. As formigas são uma figuração do real que desperta reação. É o que Freud chamou de estranho. Ao procurar o estranho, o isolá-lo e ao tocá-lo, tudo muda. O estranho, ele muda de lugar, fazendo com que a própria matriz mude. Tudo então se acerta.

Freud inventa um dispositivo em que suspendendo-se o corpo, cria-se um monismo muito especial. Se você entende o real como alguma coisa que vem de fora, ele não estaria no dispositivo analítico. Se você considera que o real se opõe à ficção, e o imaginário vai contra o real, então o dispositivo analítico não tem sentido. Como é que você vai agir no real a partir daquilo que esconde o real? É preciso pensar o real de outra maneira que não aquilo que vai se opor ao imaginário.

Não pense, no entanto, que o real ficaria de fora. É justamente porque ele não é mais um inimigo, porque não tem corpo, que ele mais atuante e presente. A psicanálise não é uma terapia virtual. O real apresenta-se como uma estranha presença, o analista está ali, mas seu corpo, seu páthos é um ponto cego na tela da história. O real se libera de seu peso imaginário. Ao esvaziar o real, ele aparece em sua potência disforme, mas criadora. É exatamente por partir do dualismo que achamos que quanto mais virtual menos real. Engano: a partir de uma certa virtualidade mais é possível que o real apareça como tal.

A partir deste ângulo, o real não mais será algo contra o que lutamos, mas sim este além suposto a partir da matriz, só que por definição, já que a matriz é tudo que podemos ver, inalcançável. O real assim, muda de figura e passa a ser aqueles pontos cegos da matriz, suas falhas ou os lugares embaçados, obscuros da programação. Manchas no quadro, dirá Lacan. O real está na estrutura, ele não destrói a estrutura.

Freud inventa o contrário da política do medo, a possibilidade de se recriar o mundo sem precisar de um inimigo declarado para isso. A revolução precisa encontrar suas vias políticas de prosseguimento, mas no nível individual, o sonho não era fuga da realidade. Demonstrou-se capaz de um a um subverter uma existência. Prova é que ela ainda resiste. O analista é alguém que intervém no mundo sem sair do seu consultório.

A revolução não é coletiva. É de cada um. Cada um que encontre as suas palavras para dizer o do que não há de como.

¹ Lacan, 1954-1955/1985, p. 248.

² Cf. Milner, J-C. *Le périple structural*. Seuil, 2017.

³ Os corpos reais dos que vivem no mundo virtual ficam em estado embrionário.

³ Cf. Zizek, S. *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

⁴ Cf. Cunha, E. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

⁵ Isso nos obriga a viver na ilusão? Parece que sim, pois o fim das ideologias nada mais é do que uma ideologia planetária. O pragmatismo é a ideologia maior, a da inexistência de ideologias.

⁶ Cf. Badiou, A. *Em busca do real perdido*. 1. Ed, Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

⁷ Cf. Zizek, S. *Órgãos sem Corpos: Deleuze e Consequências*. Tradução: Rodrigo Nunes Lopes Pereira. São Paulo: companhia de Freud, 2011.

⁸ Quando o psicanalista diz algo, isso precisa ter efeito no real. Se não é claro o que é o real (imaginário) e o que é a natureza, já era, é a situação na violência, na guerra. Não tem mais entre, não tem mais barreira. Se você acha que a Psicanálise é o entre, você no mínimo tem que ter um saber de como produzir esse entre a cada vez. Não há o ente do entre. Existe um R que faz a diferença. A língua faz as pequenas coisas que fazem a diferença. A diferença não está no real, não há diferença entre o real e a natureza. A ideia de uma tripartição já modifica os dados. A ideia do nó borromeano, parte da tripartição e não da dicotomia. Vamos despachar o ente do entre, e vamos ficar com o entre do ente. Ta certo? O entre é só um ente entre outros. No mínimo três. Primeiro ele faz o nó com 3. Despachar a valorização do entre como o segredo do trabalho analítico, senão não há Psicanálise na psicose, ou na guerra... No que você não tem os dois lados muito claros, já sumiu o entre. A mentalidade do entre não funciona para o analista. O entre é ôntico e não ontológico. A ideia de Lacan é dizer que o ser do inconsciente não é um ser, o inconsciente é ético. Ôntico é mais o concreto de todo dia, ontológico seria mais próximo do ser fundamental. O ser do inconsciente não é um ser, ele pode ser entre, mas o entre não é um ente, ou, se ele não é o entre, que é o que quero marcar aqui, o entre é só um ente entre outros. Uma referência importante é Peirce. Alguém que pensa não o dois, mas o três numa relação. Fala da terceiridade, *thirdness*, só a partir de três é que se pode pensar em união. O um, o outro, e o que os reúne. Muito Lacaniano nesse sentido e não é à toa que Lacan o cita em inúmeros momentos em seu décimo nono seminário.